

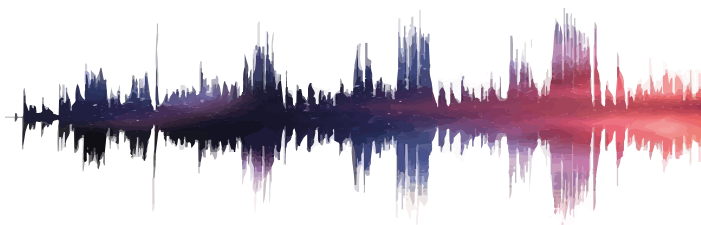
TEMA

informativo



NESTA EDIÇÃO

(clique em cada matéria para ir à página)



03

EDITORIAL

04

ENTREVISTA

07

EM DESTAQUE

12

ANAIS EM
FOTOS

18

DA TEORIA

22

DA ANÁLISE

EDITORIAL

([voltar ao índice](#))

Editorial

Nesta segunda edição do Informativo TeMA de 2020, ainda em tempos de distanciamento social, aprofundamos a percepção já apontada anteriormente, a de efervescente produção. Infelizmente colegas muito queridos sucumbiram a esses tempos difíceis. Destarte, prestamos nossas homenagens aos que nos deixaram neste ano, dedicando esta edição à memória de Aldir Blanc (1946), Alexandre Pascoal (1938), Antônio José Augusto (1964), Benito Juarez de Souza (1933), Josette Feres (1933), Luiz Senise (1950), Martim Lutero Galati (1953), Naomi Munakata (1955) e tantos outros colegas e amigos.

Na seção Da Entrevista, Rodolfo Coelho de Souza motiva o crítico musical João Marcos Coelho a falar sobre a validade da crítica baseada apenas na audição, sem a análise da partitura. A resposta apresenta particularidades de vários estágios do estado da arte da crítica musical, do seu surgimento até a atualidade. O crítico considera um retrocesso e empobrecimento a análise apenas auditiva.

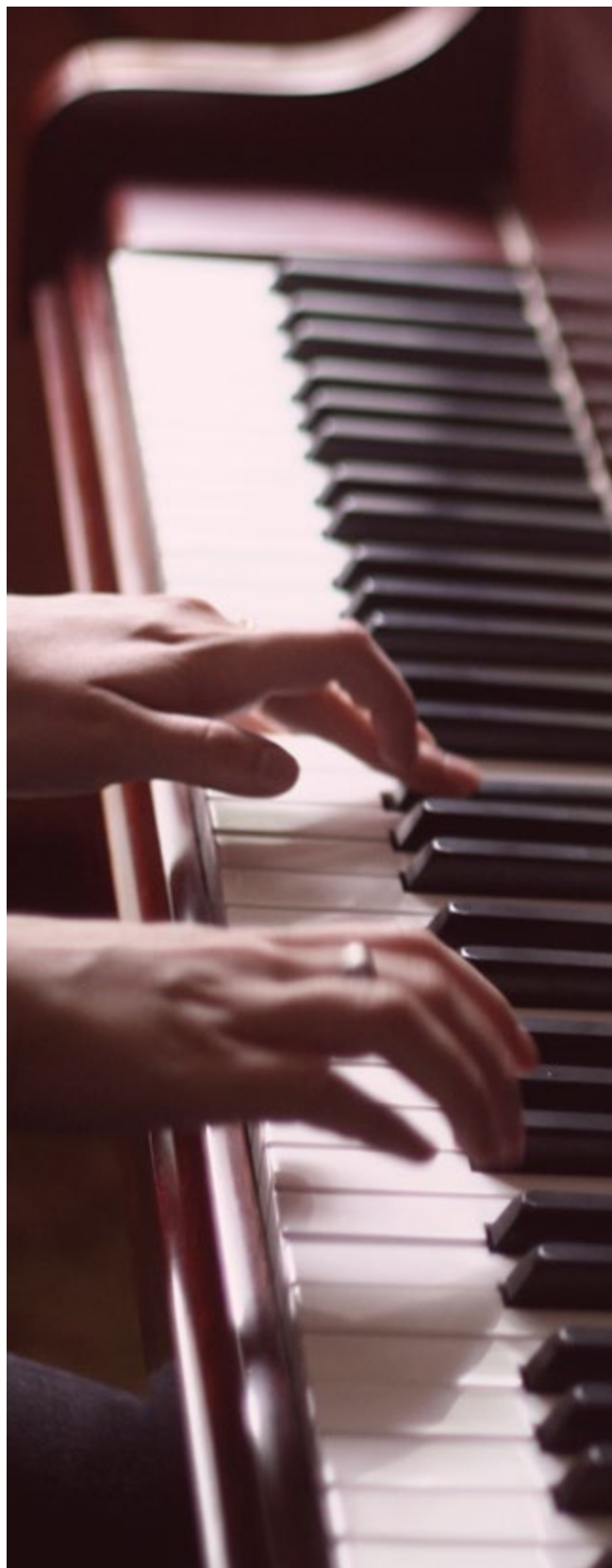
Na seção Em Destaque estão informações sobre atividades que desenvolvemos como associação e também individualmente. Ao mesmo tempo, selecionamos notícias de outras associações e revistas acadêmicas que consideramos relevantes para o momento. Todos os associados podem enviar notas referentes a atividades relacionadas aos campos da teoria e da análise musical (informativotema@gmail.com).

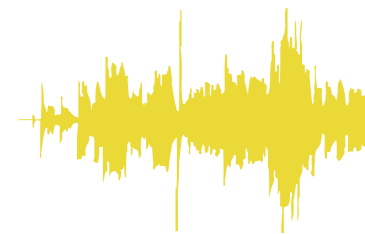
A seção Anais em Fotos resume o III Encontro da TeMA – Ciclo Virtual 2020 e o lançamento do Glossário de Termos Schenkerianos através do nosso canal do Youtube.

As seções Da Teoria e Da Análise, como de hábito, trazem aos nossos leitores sugestões para possíveis consultas, na forma de resumo e resenhas de livros e artigos.

Desejamos que a leitura do Informativo TeMA inspire novas pesquisas, teorias e análises musicais.

Protejam-se, mantenham-se seguros e saudáveis!





Rodolfo Coelho de Souza dialoga com o crítico musical
João Marcos Coelho



João Marcos Coelho

RCS: Na sua profissão de crítico musical, que teve uma sólida formação como músico, você reconheceria existir uma forma de análise musical puramente auditiva, que é diferente da que se faz quando estudamos uma partitura? Qual a relevância desse tipo de análise para o ofício do crítico?

JMC: Quando nasceu, no final do século 18, a crítica musical se fazia sobre as obras (E.T.A.Hoffmann e as sinfonias de Beethoven, por exemplo). As críticas das estreias das sinfonias de Beethoven são análises musicais detalhadas da partitura. Até o surgimento da reprodução fonográfica, um século depois, ainda se fazia crítica a partir do texto musical – ao qual o crítico sempre tinha acesso.

De lá para cá, ela se degradou cada vez mais. A ponto de eu mesmo contar nos dedos as vezes em que tive acesso às partituras de obras novas no momento de suas estreias. E olhe que isso aconteceu com obras do Gilberto Mendes. E como isso faz diferença na hora de escrever a crítica. A história desta degradação é longa, mas pode ser resumida assim:

de análise da obra, passou a ser de impressões sobre esta ou aquela interpretação. Até chegarmos ao estágio atual, em que os mecanismos da música de consumo aplicam-se totalmente à chamada música de concerto, ou clássica.

Parece, com o perdão da palavra, masturbação mental tentar distinguir diferenças na milionésima integral das sonatas ou sinfonias ou quartetos de Beethoven, pra ficar só no aniversariante da vez em 2020. Aliás, não só parece, é mesmo masturbação pura. Tudo já foi dito sobre estas obras ditas primas; tudo já foi igualmente tentado em termos de interpretações.

Deveria ser proibido gravar as obras-primas do cânone daqui para a frente. Pra quê? A quem serve? Afagos no ego do intérprete, talvez. Não mais do que isso. É terrível, neste momento agonizante da crítica jornalística – no mundo inteiro, não é só aqui --, ter de escrever uma crítica em 3500 toques com espaços. Pior ainda quando se está diante de uma estreia. Aí o reino das impressões auditivas fala mais alto. Qual o critério? Não sei. O ouvido que a gente treina e castiga a vida inteira. Ora, se a obra é nova, não há sentido em aplicar-lhe meras impressões auditivas a partir de enquadramentos teóricos do passado. Sinuca de bico.

Tive sorte. Nas primeiras décadas do meu itinerário de crítico, tive a rara oportunidade de conviver com os criadores no momento em que a música nascia – e ao mesmo tempo ter grandes espaços na imprensa. Estou falando dos anos 1970,1980. Não quero parecer saudosista, mas já parecendo, procuro usar os minúsculos espaços disponíveis para ao menos apontar os concertos, gravações e obras que merecem ser ao menos ouvidos por um público mais amplo. Afinal, a frase de Virgil Thomson, o todo-poderoso crítico norte-americano dos anos 1950, é válida ainda hoje: “Talvez a crítica não tenha utilidade nenhuma. Certamente é com frequência deficiente. Mas é o único antídoto que temos contra a publicidade paga”.

RCS: Os volumes dos “Essays in Musical Analysis” de Donald Tovey são um caso curioso pois, reúne notas de programa que esse autor escreveu nos anos 1930. Isso significa que naquela época notas de programa podiam trazer



análises formais completas e o público as aceitava como um auxílio para a recepção. Em sua opinião, isso fazia sentido então, fazia sentido hoje, ou é um mero esnobismo?

JMC: Tovey é um epígono. Foi um dos últimos a ter todo o espaço do mundo e a liberdade de escrever análises preciosas sobre as obras nos programas de concerto. Mas para quem ele escrevia? Não para o público leigo que frequenta concertos, com certeza. Talvez para os músicos que estariam no palco, ou mesmo estudantes de música. Ora, mas estes estudam justamente estas coisas diariamente nos bancos escolares. Inclusive os superiores, que, aliás, não deveriam servir para ensinar o básico, mas sim fomentar o novo, estimular a criação musical. Não vejo isso atualmente nas universidades brasileiras, com honrosas exceções. Poderia apontar os que de fato fazem a diferença. Mas estou velho demais pra arrumar mais brigas. Fico somente com as inevitáveis.

Hoje em dia, então, não faz o menor sentido. Emular revistas acadêmicas, como tentam nossas orquestras, sai caro e tem raros leitores: nós, os críticos e jornalistas da área, um ou outro frequentador mais lúcido, como o Leandro Karnal. Os que vão ao concerto, sobretudo os sinfônicos, atualmente querem mais o burburinho de fazer uma social – e, por incrível que pareça, ampliar suas networks profissionais. O que mais vejo nos concertos da Sala São Paulo são celulares ligados, já vi gente até jogando games enquanto ouve Beethoven e outros menos votados mas ilustres compositores, ajudados pelos músicos da orquestra, tentam sem sucesso chamar-lhes a atenção.

RCS: Como crítico musical, você deve se deparar frequentemente com obras cuja análise é impossível dado o estágio da teoria. Imagino, por exemplo, a recepção crítica na estreia do “*Marteau sans Maître*” de Boulez, uma peça que mesmo hoje parece impermeável à análise. Ou talvez esse não seja um bom exemplo e você tenha outros melhores. Mas o fato é que a crítica musical precisa existir mesmo antes de haver uma teoria e análise adequada para pensá-la. Como o crítico supera esse problema?

JMC: O crítico é boi-de-piranha em relação à mú-

sica nova. Imagino o drama de assistir ao “*Marteau sans Maître*” na estreia e ter de escrever algo a respeito. O crítico tende a ser conservador. E, como possui ego quase tão inflado quanto os dos músicos, não admite que não está entendendo nada. Prefere esculachar a obra. Agora, a verdade precisa ser dita. Os compositores atuais, quando estreiam uma obra nova – chance raríssima hoje em dia, reconheço – deveriam aproveitar para mostrar a partitura ao crítico, fazer uma rodada de bate-papo. Meio atabalhoadamente, aos trancos e barrancos, foi o que vivi com muita intensidade na década de 1980, quando escrevi na “Folha de S. Paulo”. Convivi com os criadores, entrevistei os músicos, dei espaço para eles escreverem no dia mais nobre do jornal, o domingo. Fiz uma página de música semanal onde Willy Correa de Oliveira, Gilberto Mendes, Conrado Silva e muitos outros escreveram artigos que hoje parecem milagre terem estado num jornal de circulação nacional como a “Folha”. Gilberto chegou a fazer uma simplória harmonização para coro a quatro vozes da marchinha “Mamãe eu quero mamar” e publiquei na página de música com o título “Mamãe, eu quero votar”. Vivíamos, em 1984, a sensação de que sairíamos do atoleiro da ditadura com o movimento das Diretas-Já.





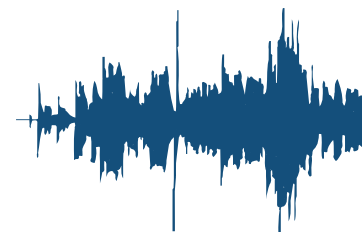
RCS: Você publicou dois volumes de críticas: “Pensando nas Músicas do Século XXI” (Perspectiva, 2017) e “No Calor da Hora” (Algol, 2008), além de ter organizado o volume “100 Anos de Música no Brasil: 1912-2012” (Andreato, 2014). Nesses livros você testemunha as transformações que afetaram a música brasileira ao longo de sua extensa carreira. O que você enxerga agora pela frente?

JMC: Como dizia na resposta anterior, escolhi os artigos e entrevistas de “No Calor da Hora” e de repente percebi que havia construído um testemunho de que a música nova também combateu com todo gás a ditadura – e não apenas a MPB de Chico Buarque e Milton Nascimento. Me sinto recompensado por ter ajudado a clarear e tornar mais visível a música nova que nasce no calor da hora. Eu só estava lá, na hora certa. A segunda coletânea, “Pensando as músicas no século XXI”, reúne artigos já de 1990 em diante. Parece mais conservadora, mas não é. Às vezes me apoio no argumento de que não havia mais espaço para registrar feito sismógrafo os movimentos inovadores da música contemporânea. Mas creio que não foi bem isso. A música nova perdeu ímpeto, recolheu-se a um nicho muito fechado. A Camerata Aberta -- talvez hoje já haja distanciamento -- foi o fato mais importante destas duas décadas de século 21 para a música nova. Pela primeira vez, um grupo fixo trabalhou de modo articulado a amostragem de música inédita com clássicos da música do século 20. Fez intercâmbios significativos. E, naqueles três anos, se não me engano, senti renascer meu gosto pela luta pela música nova – estava meio adormecido dentro de mim, mas explodiu com o advento da Camerata. Fui a todos os concertos, fiz críticas a partir de “impressões auditivas” (uma pena) no Estadão, e lutei com unhas e dentes contra o então secretário de Cultura estadual, Andrea Matarazzo, que queria extingui-la. Resistimos por algum tempo, mas afinal o grupo foi extinto. Fiz questão de colocar aquelas críticas singelas de concertos da Camerata no livro da Perspectiva, de 2017. É um documento de outro momento virtuoso da música nova no Brasil. Pode soar quixotesco, mas me sinto pronto para terçar lanças pela música que ainda não foi escrita – e que certamente vai me espantar e deixar perplexo, sem saber o que escrever. Como os críticos que assistiram à estreia do “*Marteau sans Maître*”. É isso, afinal, que me fez dedicar a vida à música.



EM DESTAQUE

[\(voltar ao índice\)](#)



COMPOSIÇÃO DA DIRETORIA DA TEMA NA GESTÃO 2020-22

Foi reeleita a “Chapa continuidade”, com pequenas alterações. Seus integrantes são: Rodolfo Coelho de Souza, presidente; Maria Lúcia Pascoal, vice-presidente; Guilherme Sauerbronn, secretário; Cássia Carrascoza Bomfim, tesoureira. O editor-chefe da Revista Musica Theorica é Gabriel Henrique Bianco Navia e a editora-chefe do Informativo TeMA é Miriam Carpinetti. O Conselho fiscal ficou assim composto: Efetivos - Clóvis Afonso de André, Miriam Carpinetti e Paulo de Tarso Salles. Suplentes - Silas da Luz Palermo Filho e Rafael Fajiolli de Oliveira.

PUBLICAÇÕES

A nova edição da revista Musica Theorica (v.5, n.1, 2020), publicada em 23 de setembro, está disponível no site da Associação Brasileira de Teoria e Análise Musical: <http://revis-tamusicatheorica.tema.mus.br/index.php/musica-theorica>

No dia 05 de novembro foi lançado o livro Glossário de Termos Schenkerianos, pela Editora TeMA. Este importante trabalho de pesquisa de Cristina Capparelli Gerling e Guilherme Sauerbronn de Barros; conta com revisão de Ivan Gonçalves Nabuco e Adriana Lopes Moreira; e, prefácio de Ilza Nogueira. A prefaciante ressalta que “o Glossário de Gerling e Sauerbronn de Barros chega a tempo de influir na harmonização da pluralidade terminológica e até mesmo na elucidação de aspectos conceituais que muitas vezes se encontram confundidos no uso da teoria, em virtude das nuances que os identificam”. O vídeo da sessão de lançamento e o link para download do livro estão disponíveis: <https://tema.mus.br/novo/index.html>

Luiz Alfredo Batista Garcia lançou o livro Teoria Musical - Estruturas Rítmicas, Melódicas e Harmônicas. O autor, por sua linguagem direta e didática, leva o leitor à rápida compreensão dos assuntos abordados. A obra possui uma visão coerente com o título e com a possível estruturação da

música através dos tempos. Traz uma versão contextualizada dos aspectos musicais, aborda as diversas possibilidades de grafias musicais e exercícios. Disponível no site: <https://aeditora.com.br/produto/teoria-musical-estruturas-ritmicas-melodicas-e-harmonicas/>

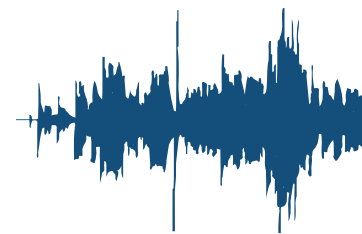
EVENTOS

A Associação Brasileira de Teoria Musical e Análise, realizou o IV Encontro da TeMA na forma de Ciclo Virtual de Encontros com grandes pesquisadores internacionais, abordando uma variedade de tópicos relativos às suas pesquisas. A primeira sessão foi ao ar no dia 20 de agosto e teve como convidado o Prof. Robert Hatten, da *University of Texas at Austin (USA)*, apresentando uma introdução ao seu mais recente livro, “*A Theory of Virtual Agency for Western Art Music*”. A segunda sessão ocorreu no dia 3 de setembro, tendo como convidado o pesquisador Stephen Soderberg (USA) que apresentou uma análise, baseada na teoria das Cadeias de Intervalos, de sua peça *Atacama* para 3 pianos. A terceira sessão, realizada no dia 17 de setembro, contou como palestrante convidado o Prof. Rubén López-Cano (Espanha) que expôs assuntos registrados em seu livro “*La Música Cuenta*”. A quarta sessão aconteceu no dia 01 de outubro e contou com o Prof. Christian UTz (Alemanha) apresentando sua pesquisa “*Time-Space Experience in Works for Solo Cello by Lachenmann, Xenakis and Ferneyhough*”. Por fim, a quinta sessão foi efetuada no dia 15 de outubro, quando tivemos a Profa. Janet Schmalfeldt (USA) apresentando sua pesquisa “*From Literary Fiction to Music: Schumann and the Unreliable Narrative*”. O Ciclo Virtual de Encontros está em: <https://www.youtube.com/channel/UC4RisoqgVSQGaH-yk5l4MMfw/videos>

A 2ª Semana Gilberto Mendes ocorreu de 13 de outubro, data de nascimento do compositor, até o dia 19 contando com a presença de compositores, musicólogos e intérpretes da obra de Mendes. Palestras, depoimentos, música e filmes foram realizados virtualmente e transmitidos no canal do

EM DESTAQUE

[\(voltar ao índice\)](#)



YouTube e redes sociais, com apoio da Secretaria de Cultura de Santos. Evento disponível no link: <https://www.facebook.com/semanaculturalgilbertomendes>

A 53ª edição do Festival Música Nova ocorreu em formato digital de 06 a 16 de novembro, com transmissões simultâneas às 19 horas no canal YouTube da USP Filarmônica e na página do evento no Facebook. Neste ano, o festival foi realizado simultaneamente em Santos, cidade original, e Ribeirão Preto, que tem sido a sede do evento desde 2012, portanto dividido em dois núcleos artísticos. Música, dança, cinema, múltiplos artistas e compositores se apresentam nesta edição, cuja tônica é a pluralidade das manifestações artísticas contemporâneas. Programação na íntegra no link: <https://www.youtube.com/uspfilarmonica>

O XI Encontro de Pesquisadores em Poética Musical dos Séculos XVI, XVII e XVIII - Construindo Beethoven, acontece entre 23 e 27 de novembro, realizado totalmente on-line e veiculado por meio dos canais de comunicação da Cultura Artística de São Paulo, instituição apoiadora do evento, sempre às 20 horas. Disponível pelo site: <https://retoricamusical2020.wordpress.com>

VI SIMPOM online 2020 e ao XXVI Colóquio do Programa de Pós-Graduação em Música da UNIRIO, manteve várias atividades (entre elas, conferências internacionais e nacionais, a Mostra Caesar 70, três apresentações artísticas exclusivas e as comunicações dos pesquisadores) com o mesmo nível de excelência conquistado nos últimos dez anos. Para maior visibilidade do evento, o VI SIMPOM, além do site oficial, figura em várias redes sociais como Twitter, Instagram e Facebook. Disponível em: <http://www.unirio.br/ppgm/simpom/2020>

5th International Congress of Music and Mathematics – Mus-Mat 2020: Perspectives and Applications of Mathematics in Post-tonal Theories («Homage to Jmary Oliveira»). O even-

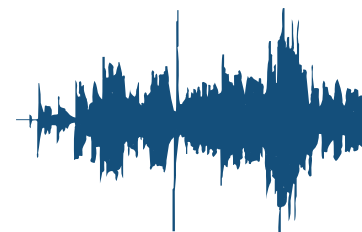
to online se dará de 05 a 08 de dezembro, através da UFRJ, com a presença de autores como: Dmitri Tymoczko (Princeton University), David Temperley (Eastman School of Music), Robert Peck (Louisiana Music School). Maiores informações pelo site: <https://musmat.org/en/congresso/2020-2/>

O 10º Congresso Europeu de Análise Musical (EuroMAC-10), que a cada edição é sediado em diferentes cidades, ocorrerá em Moscou de 20 a 25 de setembro de 2021. Organizado pelo Conservatório P.I. Tchaikovsky e a Sociedade Russa de Teoria da Música (OTM - Obshchestvo teorii muzyki), com o apoio de todas as sociedades europeias de análise musical. Informações no link: <https://euromac.mos-consv.ru/>

CHAMADA DE TRABALHOS

A Revista *Musica Theorica* da Associação Brasileira de Teoria e Análise Musical (Qualis A2) aceita submissões de trabalhos para o volume 5.2 (2020) até 30 de dezembro de 2020. São aceitos trabalhos que versem sobre teoria e análise musical e que sigam as diretrizes estabelecidas na página da revista (<http://tema.mus.br/revistas/index.php/musica-theorica/about/submissions#onlineSubmissions>). As submissões devem ser realizadas online. Se necessário, podem ser enviadas por e-mail diretamente para os editores (Norton Dudeque <norton.dudeque@ufpr.br> e Gabriel Henrique Bianco Navia <gabriel.navia@unila.edu.br>).

A Revista *Orfeu* (UDESC), lançou em setembro a chamada de trabalhos para o Dossiê “Análise Schenkeriana” (v.6, n.2, 2021), coordenado pelos editores convidados Pedro Purroy Chicot (Conservatorio Superior de Música de Aragón, Espanha), Josep Margarit Dalmau (Escola Superior de Música de Catalunya - ESMUC, Espanha), Cristina Capparelli Gerling (Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Brasil) e o editor permanente Guilherme Sauerbronn de Barros (Universidade do Estado de Santa Catarina-UDESC, Brasil). A submissão de trabalhos está aberta até 31 de mar-



ço de 2021. Mais informações podem ser acessadas em: www.revistas.udesc.br/index.php/orfeu/announcement

A *Birmingham Music Analysis Conference 2021* (BrumMAC 2021), patrocinada pela Society for Music Analysis, acontecerá de 29 a 31 de julho de 2021 na Universidade de Birmingham. O comitê do programa abre chamadas de trabalhos em teoria ou análise, relacionado à música de qualquer gênero e período histórico. O evento terá como palestrantes principais Dmitri Tymoczko (Princeton University) e Anna Zayaruznaya (Yale University). Submissões serão aceitas até 24 de janeiro de 2021. Um número de bolsas estão disponíveis para cobrir custos de viagem e acomodação. Informações pelo site: <https://www.birmingham.ac.uk/schools/lcahm/departments/music/events/2020/society-for-music-analysis-conference.aspx>

ASSOCIADOS

Depoimento: Desirée Mayr na SMT Conference



Sociedade de Teoria Musical (SMT)



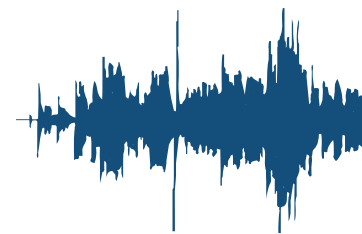
Sociedade Musicológica Americana (AMS)

Os congressos da Sociedade de Teoria Musical (SMT) e da Sociedade Musicológica Americana (AMS) deste ano foram realizados em conjunto, de forma virtual, pela plataforma Zoom, nos dias 7 e 8, 14 e 15 de novembro. Foram, portanto, em dois finais de semanas, e não em quatro dias consecutivos, como é de costume. Foi a minha primeira participação no congresso, para o qual fui contemplada

com uma Bolsa de Viagem (SMT Travel Grant). Estava bastante ansiosa, pois a programação era maravilhosa. Eu me organizei marcando as sessões nas quais gostaria de estar presente ao longo dos quatro dias. Nos links dos congressos da SMT <https://guide.societymusictheory.org/> e da AMS <https://ams2020.pathable.co/> está publicada toda a programação. Fiquei o tempo todo acompanhando os eventos da SMT. O primeiro dia, 7/11, foi iniciado com uma sessão de ioga, às 9h. Às 10h, optei por assistir a reunião do grupo *Work and Family Interest Group*, que tinha Yonathan Malin como coordenador da mesa. Os artigos eram previamente disponibilizados na página eletrônica do congresso, muitas vezes contendo anexos e, às vezes, até um vídeo de apresentação de forma assíncrona. Nas sessões online, de forma síncrona, os palestrantes tinham um tempo mais curto para apresentar os trabalhos, levando em conta que já tivéssemos lido/assistido as apresentações disponíveis no portal. Foram três apresentações muito interessantes, sobre o uso de música infantil e teoria musical na primeira infância. Gostei da grande quantidade de recursos pedagógicos que foram disponibilizados, incluindo sites. Em seguida, às 11h, acessei a sessão *Fraught Intersections between Music Theory and its "Others"*, com Philip Ewell como coordenador. Philip tem feito um trabalho incansável sobre a supremacia branca dentro do ambiente acadêmico, culminando com a publicação do seu último artigo na *Music Theory Online*. A sociedade tem feito um esforço para se tornar mais inclusiva em todos os aspectos, apelando para a descolonização da academia. Às 12h acessei a sessão *Gesture and Transformation in Instrumental Performance*, coordenada por Edward Klorman. Edward tem sido meu mentor na SMT, e é uma pessoa que consegue reunir várias vertentes da música em sua pesquisa, que tem como base seu livro *Mozart's Music of Friends: Social Interplay in the Chamber Works, Multiple Agency in Mozart's Music*. Nessa sessão estava em voga o conceito de "agência". A próxima sessão que assisti, às 13h, foi a reunião da *Music Theory Pedagogy*. Um ótimo momento para tro-

EM DESTAQUE

[\(voltar ao índice\)](#)

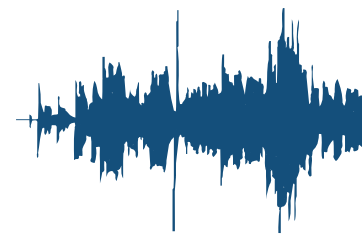


car experiências de sala de aula, compartilhando estratégias. Utilizamos os breakout rooms disponibilizados para fazermos dinâmicas específicas. Adorei conhecer o Toby Rush e seu *Sparky and the Music Theory Dog* (<https://tobyrush.com/theorypages/>). Assisti a mais uma sessão às 14h e, em seguida fui para o coffee break. Este aconteceu em uma plataforma chamada “remo.co”. À medida que acessavam o link da sala, as pessoas eram alocadas em uma das mesas. Eram várias mesas, cada uma com cerca de seis pessoas, de modo que todos pudessem ver os demais em cada mesa e, assim, conversar. No começo, estava bastante tímida, mas as pessoas eram tão acolhedoras que fui ficando mais à vontade. Depois do coffee break houve a *SMT Executive Board Meet and Greet*, na mesma plataforma. Dessa vez estava presente toda a diretoria da sociedade e acabei sendo incluída na mesma mesa do Robert Hatten, que deu uma palestra para a nossa sociedade do TeMA de forma virtual este ano. Ele ficou muito feliz de saber que eu sou brasileira, perguntou sobre a minha pesquisa. Depois falou para todos longamente de sua amizade com Rodolfo Coelho, desde quando se conheceram, do que conhece de sua pesquisa e de seu trabalho como presidente da TeMA. Achei importante, pois foi uma maneira de difundir o nosso trabalho, já que havia membros da diretoria na mesa. Daniel Jenkins quis saber a minha opinião sobre fazer a conferência em modalidade híbrida no ano que vem, de modo que pessoas que moram em outros países, como eu, possam participar. O segundo dia, 8/11, iniciou com uma sessão de mindfulness às 9h. Logo após, às 10h, já não sabia para qual sessão ir, pois todas eram convidativas. Acabei dividindo meu tempo entre a sessão de posters *Transformational and Serial Techniques*, coordenada por Richard Cohn, e a reunião do *Global Interculturalism and Musical Peripheries*. Na sessão de posters, cada palestrante fazia uma explanação sobre o seu trabalho, e o grupo era dividido (breakout rooms), cada participante podendo optar por ir para o ambiente onde estava o poster que mais lhe interessava. Na reunião do grupo também havia vários pales-

trantes, com muitas perguntas e discussões sobre temas de interesse do grupo, o qual eu pertencço. No horário seguinte, das 11h, optei pelo workshop sobre pedagogia da teoria musical; técnicas, instituições, epistemologia. Achei maravilhoso, com ótimas dicas para nós que ensinamos teoria musical em sala de aula universitária. Ao meio dia foi o almoço para apresentar aqueles que haviam recebido os Travel Grants. Bateram palmas, e me convidaram para eu me apresentar formalmente a todos presentes e falar sobre o meu trabalho. Mesmo nesse ambiente virtual, fiquei um tanto nervosa. Soube que este almoço é tradicionalmente oferecido a todos que já ganharam o Grant. Acabei conhecendo várias pessoas interessantes. Eram em sua grande maioria provenientes dos Estados Unidos, mas conheci também um pesquisador lituano e outro chinês. A sessão das 13h teve bastante relevância para a minha pesquisa, sendo intitulada *The Period and Cyclic Form in the Nineteenth-Century*, coordenada por William Caplin. Às 14h acessei a sessão *Stories from the Frontlines*, do comitê de raça e etnicidade. A sociedade vem tentando incluir mais trabalhos produzidos por pesquisadores de minorias étnicas, assim como de mulheres, como observei na sessão seguinte, Brown Bag Luncheon às 15h. Terminei o dia na *Roundtable de Musical Interculturality: Scopes, Methods, Approaches*, que foi realizado na plataforma da AMS. Senti que a SMT e a AMS vêm se aproximando cada vez mais uma da outra, e promovendo maior diálogo entre suas pesquisas. O terceiro dia, 14/11, iniciou com uma sessão de yoga às 9h. Logo em seguida, às 10, optei pela sessão de Brahms e Beethoven. Assisti também as sessões *Unsettling Encounters: Transfer, Exchange, and Hybridity in Global Music Theory (11h)* e *Sonata Problems (12h)*, todas ligadas à minha pesquisa. Em cada horário havia quatro sessões paralelas. Outro assunto que tem sido muito abordado é a descolonização da academia, que foi tópica do workshop *Fostering Decoloniality: From Local Archives to Global Dialogue*. Enquanto antes falaram de mulheres pesquisadoras, nesta sessão o tema foi centrado no papel delas na música

EM DESTAQUE

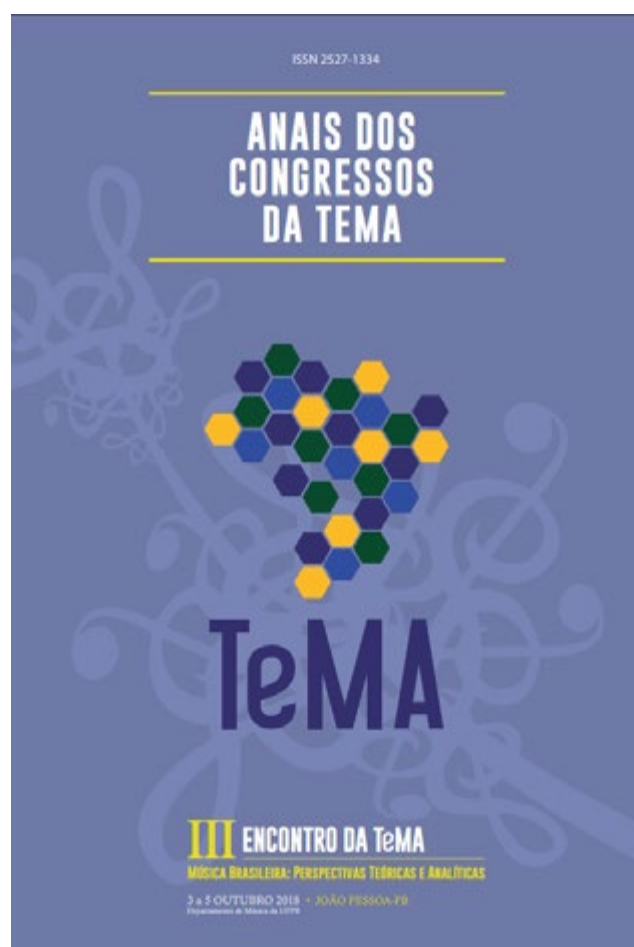
[\(voltar ao índice\)](#)

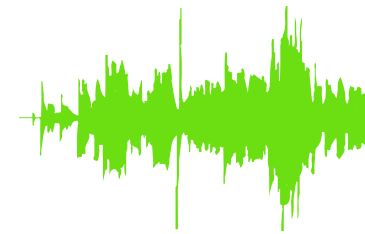


(*Who is Allowed to Be a Genius?*). A sessão plenária veio a seguir, enfatizando as mudanças em paradigma dentro da sociedade, com *Changing the Story: Embodiement as Musical Practices and Experiences*. O quarto dia, 15/11, começou novamente com a sessão de mindfulness às 9h. Em seguida, às 10h, aconteceu a sessão coordenada por Robert Hatten sobre *New Directions in Topic Theory*, seguida por outra (*Using Open Educational Resources for Inclusive, Flexible, and Innovative Music Theory Pedagogy*) que apresentou vários recursos pedagógicos. Falaram muito de ferramentas que estão sendo utilizadas em sala de aulas híbridas, como sakai, canvas quiz, moodle, H5P, bright space, e sites como *musictheory.net*, *openmusictheory.com*, *kylegullings.com*, *jmtpp.appstate.edu/resources*. Na sessão *Roles and Ethics in the Peer Review Process* foram sugeridos vários conselhos para avaliadores de artigos e editores (como um exemplo, o principal conselho de Joseph Straus foi: “*Don’t be a jerk*”). No coffee break deste último dia conheci Michael Buchler, que foi eleito o novo presidente da sociedade. Novamente, fiquei feliz em saber que ele tinha uma ligação com o Brasil, pois contou de seu conhecimento de Cristina e Fred Gerling, da vez em que esteve visitando-os em Porto Alegre, da sua viagem à Florianópolis. Foram dias bem intensos, mas creio que aprendi muito e me senti bastante acolhida. Fiquei feliz por ter tido a oportunidade de divulgar um pouco a obra do Leopoldo Miguez e representar o trabalho de pesquisa que temos feito aqui no Brasil.

Silas Palermo (USP) apresentou obras na 2ª Semana Cultural Gilberto Mendes (13 a 19 de outubro) e no 53º Festival Música Nova (06 a 16 de novembro, 2020). Ele participou como compositor e intérprete das obras: *Tendre*, 3 Miniatras Brasileiras, *Danças dos Mestres* (todas para piano solo) e *Síntese sobre Estudo de Síntese* (piano & electronics). Disponível nos links: <https://youtu.be/VQqxZmM-2Dtg> (Semana Cultural GM) e www.youtube.com/uspfi-larmonica (53 FMN). *Trompe Loireille* obra eletroacústica de Silas Palermo será apresentada no NYCEMF 2020 (*New*

York City Electroacoustic Music Festival), organizado pela equipe do Dr. Hubert Howe (*Emeritus Professor of Music Queens College and University of New York*). A música foi composta em tempo real, gravada e em seguida manipulada eletronicamente; explanando sobre a percepção da imagem sonora versus a imagem visual da fonte sonora e como somos ‘enganados’ ou divergimos nas conclusões. Assim, a peça em questão tem o apelo gestual, improvisatório, e trabalho computacional posterior. O evento programado para ocorrer entre 14 a 21 de Junho na cidade de Nova Iorque, foi transformado em virtual devido a pandemia; entretanto, as peças serão apresentadas presencialmente em 2021, em não havendo contratempos. A programação pode ser conferida e ouvida no site do festival: <https://nycemf.org> - a música diretamente do link: <https://soundcloud.com/silas-palermo/trompe-loeil>






Associados em ação

III ENCONTRO DA TEMA – CICLO VIRTUAL 2020


Organização e moderação: Prof. Dr. Rodolfo Coelho de Souza (USP)



TeMA

Associação Brasileira
de Teoria e Análise Musical

**1ª Sessão do
CICLO DE ENCONTROS VIRTUAIS
dia 20 de agosto de 2020
quinta-feira 16:00h**




**ROBERT
HATTEN**

Palestrante convidado
apresentando:

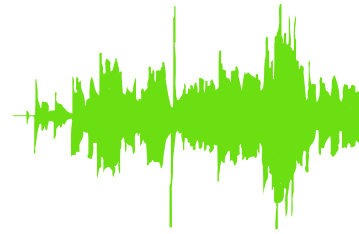
**A Theory of Virtual Agency for
Western Art Music**

ROBERT S. HATTEN

**A THEORY OF
VIRTUAL
AGENCY**
FOR WESTERN ART MUSIC



Componentes da mesa:
Cristina Capparelli Gerling (UFRGS)
Flavio Santos Pereira (UNB)
Guilherme Sauerbronn de Barros (UDESC)
Maria Lúcia Machado Pascoal (UNICAMP)
Paulo de Tarso Salles (USP)



Associados em ação

III ENCONTRO DA TEMA – CICLO VIRTUAL 2020

Organização e moderação: Prof. Dr. Rodolfo Coelho de Souza (USP)



TeMA

Associação Brasileira
de Teoria e Análise Musical

**2ª Sessão do Ciclo de
Encontros Virtuais da TeMA:
STEPHEN SODERBERG**

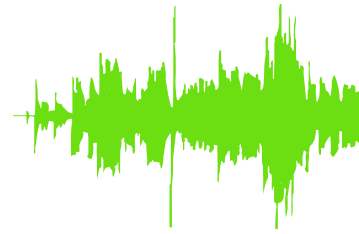
**Dia 3 de Setembro de 2020
quinta-feira 16:00 h**

CUT,
SCHUFFLE,
DEAL:
A MUSICAL
GAME
OF CARDS



Tiling the Plane: Overshot
weave design created from
the two mod 20 z-related tetrad pairs


Componentes da mesa:
Liduíno Pitombeira (UFRJ)
Marcos da Silva Sampaio (UFBA)
Ricardo Mazzini Bordini (UFMA)
Ciro Visconti Canellas (USP)



Associados em ação

III ENCONTRO DA TEMA – CICLO VIRTUAL 2020

Organização e moderação: Prof. Dr. Rodolfo Coelho de Souza (USP)




TeMA

Associação Brasileira
de Teoria e Análise Musical


**3ª Sessão do
CICLO DE ENCONTROS VIRTUAIS
dia 17 de setembro de 2020
quinta-feira 10:00h**

línguas da sessão: espanhol e português

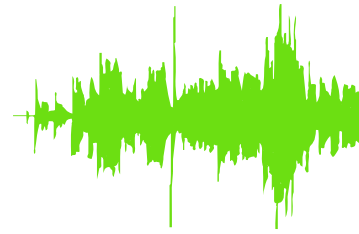
La música cuenta



Rubén López-Cano



Componentes da mesa:
Ilza Nogueira (UFPB)
Marcos Nogueira (UFRJ)
Acácio Piedade (UDESC)
Luis Felipe Oliveira (UFMS)
Díonsio Machado Neto (USP)



Associados em ação

III ENCONTRO DA TEMA – CICLO VIRTUAL 2020

Organização e moderação: Prof. Dr. Rodolfo Coelho de Souza (USP)



TeMA

Associação Brasileira
de Teoria e Análise Musical

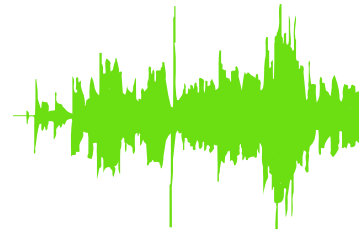
**4ª Sessão do
CICLO DE ENCONTROS VIRTUAIS
dia 01 de outubro de 2020
quinta-feira 10:00h
(a sessão será em inglês)**



CHRISTIAN UTZ

**TIME-SPACE EXPERIENCE IN
WORKS FOR SOLO CELLO**

Componentes da mesa:
Carole Gubernikoff (UNIRIO)
Guilherme Bertissolo (UFBA)
Catarina Domenici (UFRGS)
Marcelo Carneiro de Lima (UNIRIO)
Cássia Carrascoza (USP)



Associados em ação

III ENCONTRO DA TEMA – CICLO VIRTUAL 2020

Organização e moderação: Prof. Dr. Rodolfo Coelho de Souza (USP)



TeMA | Associação Brasileira
de Teoria e Análise Musical

**5ª Sessão do
CICLO DE ENCONTROS VIRTUAIS
dia 15 de outubro de 2020
quinta-feira 16:00h**
(a sessão será em inglês)

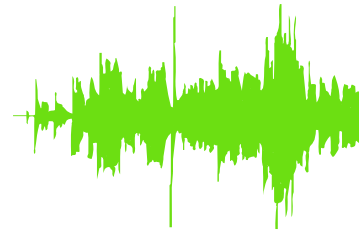


From Literary Fiction to
Music: Schumann and
the Unreliable Narrative

**Janet
Schmalfeldt**


Componentes da mesa:
Achille Guido Picchi (UNESP)
Edson Hansen Sant'Ana (IFMT)
Gabriel Henrique Bianco Navia (UNILA)
Ilza Maria Costa Nogueira (UFPB)
Norton Eloy Dudeque (UFPR)

ANAIS EM FOTOS [\(voltar ao índice\)](#)




Associados em ação

LANÇAMENTO DO GLOSSÁRIO DE TERMOS SCHENKERIANOS



TeMA

Associação Brasileira
de Teoria e Análise Musical




Cristina
Capparelli
Gerling

e



Guilherme
Sauerbronn
de Barros

convidam para



*Glossário
de termos
schenkerianos*

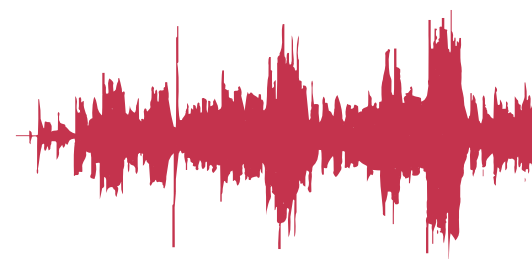
*Cristina Capparelli Gerling
Guilherme Sauerbronn de Barros*

**LANÇAMENTO DO LIVRO
GLOSSÁRIO DE TERMOS SCHENKERIANOS
dia 05 de novembro de 2020 quinta-feira 17:00h**

Participação de:
Ilza Nogueira
Ivan Gonçalves Nabuco
Adriana Lopes Moreira
sessão aberta a membros da TeMA e convidados

Todos estes vídeos podem ser assistidos no canal da TeMA:

<https://www.youtube.com/channel/UC4RisoqgVSQGaHvk5l4MMfw>



Journeys Through Galant Expositions

L. Poundie Burstein, Oxford University Press, p. 312.

Desde o século XIX, as descrições da forma musical tendem a se basear fortemente em analogias arquitetônicas. Em contraste, as discussões anteriores invocaram com mais frequência a metáfora de uma viagem. Em *Journeys Through Galant Expositions*, Burstein incentiva os leitores a ver a forma da música Galante através dessa lente metafórica anterior, tal como aqueles que compuseram, executaram, improvisaram e ouviram música em meados do século XVIII teriam experimentado. Ao elucidar as ideias desse período sobre a forma musical e aplicá-las a obras de uma ampla gama de compositores, incluindo Haydn e Mozart, bem como a uma série de outros que são frequentemente esquecidos, este estudo inovador oferece uma nova janela acessível para a música dessa época. Em vez de dissecar conceitos de 1700 como um mero exercício histórico ou tratá-los como um precursor de teorias posteriores, o autor revigora as ideias de teóricos como Heinrich Christoph Koch e mostra como eles podem impactar diretamente nossa compreensão e apreciação da música Galante como público e executantes.

Teoria Musical - Estruturas Rítmicas, Melódicas e Harmônicas

Luiz Garcia. Editora Prismas, p. 634.

Esta enciclopédia da teoria musical é indicada tanto para iniciantes quanto para profissionais da música pois elucidada, de modo simples, claro e preciso, com abordagem nova e atraente, matérias que normalmente são controversas, expostas de maneira imprecisa, obscura ou não comentadas em outras obras. Garcia escolhe uma linguagem direta e didática, advinda de uma visão coerente, que leva o leitor à rápida compreensão. As estruturas rítmicas abrangem praticamente todas as questões relacionadas à divisão do tempo na música; as estruturas melódicas demonstram um provável caminho em direção a uma estrutura horizontal mais complexa, relacionando praticamente todos os assuntos ligados às alturas, fraseologia, tonalidades, modulação; as estruturas harmônicas tratam de toda a ordenação vertical (acordes de 9ª, 11ª, 13ª, 15ª, 21ª e clusters), função tonal de todos os acordes, ornamentos e diversos outros tópi-

cos. Toda a obra apela para a visão contextualizada e sempre lembra ao leitor que não existe uma verdade incontestável mesmo no mundo musical. As várias possibilidades de grafia musical também são comentadas pelo autor que apresenta outras maneiras de grafar a música. Isso serve para lembrar que a grafia musical tradicional apesar de ser a mais difundida não é a única existente. Os inúmeros exemplos musicais e solfejos servem como ajuda no entendimento das matérias apresentadas.

ENTREVISTA

O campo dos estudos de som no audiovisual, observação como método e audio-logo-visão: entrevista com Michel Chion

Luíza Alvim

REVISTA BRASILEIRA DE MÚSICA, v. 33, n. 1 (2020). Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rbm/article/view/37018/20257>

Diálogo com um dos mais importantes teóricos do som no audiovisual que “posiciona-se entre as diversas correntes no campo acadêmico e, bastante crítico, faz considerações sobre a área de som no audiovisual em seu país [...] deixando-nos um rico painel de suas ideias e seu modo de pensar o contemporâneo e o passado” (ALVIM, Luíza).

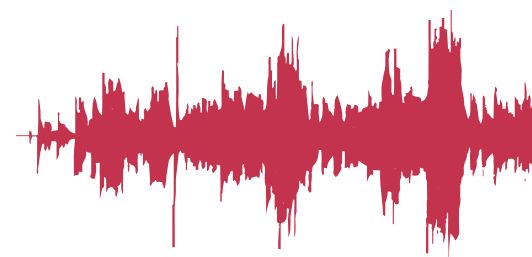
ARTIGOS

Meteoritos no pomar: sobre o potencial construtivo da integração funcional

Francisco Zmekhol Nascimento de Oliveira

ORFEU, v.5, n.1, set. 2020. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/orfeu/article/view/17619/12183>

De Monteverdi a Mahler, R. Strauss e o jovem Schoenberg, a tonalidade constantemente desafiou suas próprias bases morfológicas e mostrou-se, ademais, rica em formas e em procedimentos formais. O presente artigo tem por objetivo demonstrar o potencial construtivo de um procedimento composicional que denomino integração funcional, o qual consiste em imbuir contextualmente de funcionalidade acor-



des, fragmentos melódicos etc. concebidos por meios alienígenas à tonalidade funcional. Para tanto, exponho aqui os mínimos requisitos morfológicos para que as propriedades construtivas da tonalidade – como, e.g., as relações funcionais entre seções formais ou as relações de reciprocidade entre níveis locais e níveis mais amplos de organização harmônica – operem; e relato o processo de composição de uma peça para clarineta, na qual realizo um tal processo de integração funcional. Concluo, em especial, que esse procedimento propiciou uma relação constante de descoberta com a tonalidade e com a forma resultante, não prescrita e singular.

As quatro funções da escuta de Pierre Schaeffer e sua importância no projeto teórico do *Traité*

Davi Donato

DEBATES, n. 16 (2019). Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/revistadebates/article/view/5767>

Pierre Schaeffer – engenheiro, músico, escritor, inventor da música concreta – publicou em 1966 seu *Traité des objets musicaux*, resultado de uma pesquisa de pelo menos 15 anos realizada por seu grupo de pesquisas (GRM – Groupe de Recherches Musicales), onde o autor expõe sua busca por uma nova musicalidade generalizável, formulando uma teoria que viria substituir noções da teoria musical consideradas pouco apropriadas para as práticas musicais da época. A pesquisa de Schaeffer parte de uma investigação da escuta que tem a finalidade de formular um método de pesquisa que utilize a escuta como meio observação. Neste artigo irei discutir uma parte fundamental desta investigação: a teoria das quatro funções da escuta, exposta no livro II do *Traité*. Tentarei demonstrar como Schaeffer, partindo de um modelo complexo, vai isolar certos aspectos da percepção possibilitando que se chegue ao conceito de objeto sonoro e ao método da escuta reduzida, discutindo alguns pressupostos e implicações do modelo schaefferiano.

Régua intervalar como ferramenta analítica em Quatro Peças Breves para piano de Roberto Victorio

Edson Hansen Sant'Ana

Musica Theorica, v. 4, n. 2 (2019). Disponível em: <http://revis-tamusicatheorica.tema.mus.br/index.php/musica-theorica/article/view/115>

O objeto central deste texto circunscreveu-se em torno da análise intervalar de uma pequena composição para piano de Roberto Victorio chamada Quatro Peças Breves. É uma tentativa de ampliar teórico-analiticamente o alcance de aplicação da régua intervalar (Sant'Ana 2017) em outros repertórios pós-tonais. Em síntese, esta ferramenta é composta por três parâmetros – índice de distância intervalar (IDI), densidade intervalar por classe de altura (DICA) e localização da altura na oitava (LAO). Os três parâmetros buscam entender e medir a organização espacial das estruturas entre si – um estudo que avaliaria a menor e a maior densidade intervalo-harmônica em qualquer conglomerado acórdico como representação de um bloco sonoro com função de clímax sonoro.

Desenvolvimento do conceito de linha fundamental nos escritos de Schenker

Ivan Nabuco; Guilherme Antonio Sauerbronn de Barros
HODIE, v. 20 (2020). DOI: 10.5216/mh.v20.58722.
Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/musica/article/view/58722/34973>

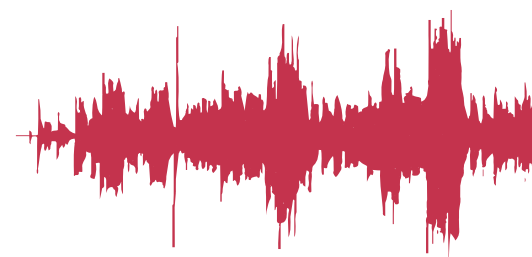
O presente artigo consiste em uma exposição acerca do conceito de linha fundamental, *Urlinie*, bem como de sua contextualização na obra de Schenker. Trata-se de um conceito fundamental da teoria schenkeriana e que, dada a sua importância, se refere à própria concepção de análise musical defendida por Schenker.

On the evaluation of generative models in music

Li-Chia Yang; Alexander Lerch

Neural Comput & Applic 32, 4773–4784 (2020). <https://doi.org/10.1007/s00521-018-3849-7>. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s00521-018-3849-7>

A modelagem artificial da criatividade em nível humano está



se tornando cada vez mais viável. Nos últimos anos, as redes neurais artificiais têm sido aplicadas com sucesso a diferentes tarefas, como geração de imagens e música, demonstrando seu grande potencial em realizar a criatividade computacional. A definição difusa de criatividade combinada com objetivos variados dos sistemas gerativos avaliados, entretanto, faz a avaliação subjetiva parecer a única metodologia viável de escolha. Revisamos a avaliação dos sistemas geradores de música e discutimos os desafios inerentes à sua avaliação. Embora a avaliação subjetiva deva ser sempre a escolha final para a avaliação dos resultados criativos, pesquisadores não familiarizados com o projeto de experimento subjetivo rigoroso e sem os recursos necessários para a execução de um experimento em grande escala enfrentam desafios em termos de confiabilidade, validade e replicabilidade dos resultados. Em vários estudos, isso leva ao relato de resultados insignificantes e possivelmente irrelevantes e à falta de comparabilidade com sistemas gerativos semelhantes e anteriores. Portanto, propomos um conjunto de métricas objetivas simples informadas musicalmente, permitindo uma forma objetiva e reproduzível de avaliar e comparar a produção de sistemas geradores de música. Demonstramos a utilidade das métricas propostas com vários experimentos em dados do mundo real.

Music Tempo Estimation: Are We Done Yet?

Hendrik Schreiber, Julián Urbano, Meinard Müller

Transactions of the International Society for Music Information Retrieval, 3(1), 2020, pp.111–125. DOI: 10.5334/tismir.43. Disponível em: <https://transactions.ismir.net/articles/10.5334/tismir.43/>.

Com o advento do deep learning, a precisão da estimativa de tempo global atingiu um novo pico, o que representa uma grande oportunidade para avaliar nossas práticas de avaliação. Neste artigo, discutimos os aplicativos presumidos e reais, os prós e os contras das métricas comumente usadas e a adequação de conjuntos de dados. Para orientar pesquisas futuras, apresentamos os resultados de uma pesquisa entre

especialistas no domínio que investiga os aplicativos atuais, seus requisitos e a utilidade das métricas empregadas atualmente. Para auxiliar avaliações futuras, apresentamos um repositório público contendo código de avaliação, bem como estimativas de muitos sistemas diferentes e diferentes verdades fundamentais para conjuntos de dados.

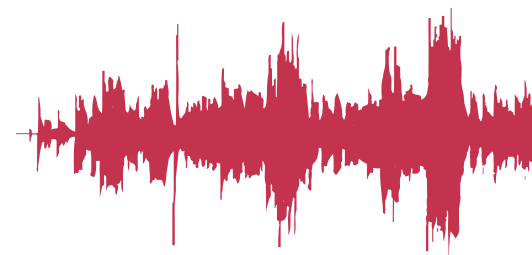
Studying the Perception of Sound in Space: Granular Sounds Spatialized in a High-Order Ambisonics System

Danilo Rossetti, Jônatas Manzolli

Disponível em: <https://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/article/download/opus2020b2610/pdf>

Space is an important aspect of music composition that received little emphasis in certain periods of the history of Western music. However, in the twentieth century, electroacoustic music reintroduced this element by utilizing the different spatialization methods available. In this article, we discuss the methodology of analysis and the results of a study of the perception of sound in space involving sounds generated by granular synthesis that were spatialized in a high-order ambisonics system performed at CIRRMt's Immersive Presence Laboratory at McGill University. We investigated two hypotheses of sound perception in space: 1) the variation of the granular synthesis parameters produces differences in the morphology of sounds perceived in their time-varying spatial distribution; and 2) the presence of more morphological sound variations when higher orders of ambisonics are employed, in addition to the generation of sound fields with more depth. In order to verify these hypotheses, we employed a method of analysis based on graphical representations of data derived from audio descriptors, such as graphical curves, a graphic representation of volume and phase space graphics. As a result, we observed that when higher orders of ambisonics are employed, the listener perceives more variations in frequency and intensity in sound spatialization, in addition to a preponderance of the decorrelation effect. Such effect is related to the presence of more diffuse sound fields.

Reassessing Lewin on the Promise of Husserl's Phenome-



nology of Time-Consciousness

Jessica Wiskus

Music Theory and Analysis (MTA), Volume 7, Number 2, October 2020, pp. 350-382(33). DOI: 10.11116/MTA.7.2.3. Disponível em: <https://www.ingentaconnect.com/contentone/leuven/mta/2020/00000007/00000002/art00003>

In his seminal essay “Music Theory, Phenomenology, and Modes of Perception,” David Lewin takes up (and works against) Husserl’s phenomenology of inner time-consciousness as a means of developing his own perception-based musical analyses. My aim, in this article, is not only to show that what Lewin adopts as a theory of Husserlian time-consciousness is in direct conflict with the understanding produced by contemporary philosophers associated with the Husserl Archives, but also to argue that a better understanding of Husserlian time-consciousness enables us to imagine the ways in which phenomenological inquiry actually supports Lewin’s objectives. First, I clarify the complicated history of Lewin’s textual source, *Vorlesungen zur Phänomenologie des inneren Zeitbewußtseins*, arguing that a failure to take account of the genesis of Husserl’s text brings about a concomitant misinterpretation of its philosophical content. Second, I critique Lewin’s reduction of retention and protention to present contents of perceptions, demonstrating that this results in an infinite regress (or “recursive” structure, in Lewin’s terms), and I show that Husserl himself avoids this by investigating the temporal flow of the subject (i. e., as a structure of transcendental subjectivity). Finally, I argue that the Husserlian framework of timeconsciousness provides a productive way to concern ourselves with the creative acts of music making that Lewin so prizes.





Brahms's Violin Sonatas: Style, Structure, Performance

Joel Lester

Oxford University Press, 2020, p.392.

Brahms's Violin Sonatas. A escrita nas partituras das sonatas de Johannes Brahms diz aos violinistas e pianistas muito mais do que meramente quais notas tocar e por quanto tempo elas devem ser tocadas. Se lidas com atenção, essas partituras revelam uma imensa quantidade de expressão, tanto da essência musical quanto da humana. Lester amplia momentos capitais dessas partituras, revelando em linguagem clara e acessível como o compositor construiu seus temas e narrativas musicais e como, em última análise, a música de Brahms veio a soar brahmsiana. Através de leituras atentas e exemplos musicais analisados, o autor orienta o leitor a examinar as partituras com cuidado e desenvolver sua própria interpretação informada das peças, evitando a noção de uma única execução 'correta' da partitura histórica. Ao explorar não apenas os elementos musicais das sonatas, mas também sua relação com eventos importantes na vida do compositor, Lester mostra como componentes sutis podem comunicar os gestos, humores, personalidades e emoções que tornam a música de Brahms tão atraente. Este é um guia claro e prático para compreender e executar a música de Brahms no presente. É uma sequência do estudo premiado em 1999 *Bach's Works for Solo Violin: Style, Structure, and Performance*.

Wagnerism: Art and Politics in the Shadow of Music

Alex Ross

Farrar, Straus and Giroux, ed ilustrada, 2020, p.784.

Para o bem ou para o mal, Wagner é a figura mais amplamente influente na história da música. Por volta de 1900, o fenômeno conhecido como wagnerismo impactou a cultura europeia e americana. Criações colossais como O Anel dos Nibelungos, Tristão e Isolda e Parsifal foram modelos de ousadia formal, criação de mitos, liberdade erótica e especulação mística. Uma poderosa procissão de artistas, incluindo Virginia Woolf, Thomas Mann, Paul Cézanne, Isadora Duncan e Luis Buñuel, sentiu seu impacto. Anarquistas, ocultistas, fe-

ministas e pioneiros dos direitos dos homossexuais o viam como uma alma gêmea. Então Adolf Hitler incorporou Wagner à trilha sonora da Alemanha nazista, e o compositor passou a ser definido por seu anti-semitismo feroz. Para muitos, seu nome agora é quase sinônimo de mal artístico. Em Wagnerianism, Ross restaura a magnífica confusão do que significa ser um wagneriano. Um pandemônio de gênios, loucos, charlatões e profetas batalham pelo legado multifacetado de Wagner. Como os leitores de seus brilhantes artigos escritos para o *The New Yorker* já esperam, Ross alterna de maneira emocionante entre as disciplinas artísticas, da arquitetura de Louis Sullivan aos romances de Philip K. Dick, dos textos sionistas de Theodor Herzl aos ensaios sobre direitos civis de W.E.B Du Bois, de *Pioneers!* para *Apocalypse Now*. De muitas maneiras, *Wagnerism* conta uma história trágica. Um artista que poderia ter rivalizado com Shakespeare em alcance universal é destruído por uma ideologia de ódio. Ainda assim, sua sombra perdura sobre a cultura do século XXI, seus motivos míticos percorrendo filmes de super-heróis e ficção de fantasia. Sem apologia nem condenação, *Wagnerism* é uma obra de descoberta apaixonada, que nos impele a uma ideia mais honesta de como a arte atua no mundo.

The Fauré Song Cycles: Poetry and Music, 1861–1921

Stephen Rumph

University of California Press, 1 ed., 2020, p.284.

As melodias de Gabriel Fauré oferecem uma variedade inesgotável de estilo e expressão que as tornaram a base do repertório de canções de arte francesa. Durante a segunda metade de sua longa carreira, o autor compôs quase todas as suas canções em seis ciclos cuidadosamente integrados. Fauré transitou sistematicamente entre seus contemporâneos poéticos, exaurindo *Les fleurs du mal* de Baudelaire antes de mergulhar nos poetas parnasianos. Rapidamente, ele musicaria nove poemas de Armand Silvestre (1878-84), dezessete de Paul Verlaine (1887-94) e dezoito de Charles Van Lerberghe (1906-14). Como um artista profundamente envolvido com algumas das questões culturais mais importantes do período,



Fauré reimaginou seu idioma musical a cada novo poeta e escola, e seus ciclos de canções mostram a mesma sensibilidade ao material poético. Muito mais do que Debussy, Ravel ou Poulenc, ele elaborou seus ciclos de canções como obras integradas, reordenando poemas livremente e usando narrativas, esquemas-chave e até mesmo leitmotifs para unificar as canções individuais. *Fauré Song Cycles* explora a perspectiva peculiar por trás de cada síntese de música e verso, revelando a surpreendente imaginação e visão das leituras musicais de Fauré. Este livro oferece não apenas leituras atentas destas obras musicais, mas um estudo interdisciplinar de como ele respondeu às mudanças nas escolas e nas correntes estéticas da poesia francesa.

The New Beethoven: Evolution, Analysis, Interpretation

Jeremy Yudkin (editor)

University of Rochester Press, ed. ilustrada, 2020, p.572 (Eastman Studies in Music, vol. 172)

A música de Beethoven é um símbolo universal de realização pessoal e artística. Na medida que alcançamos e ultrapassamos o 250º aniversário do nascimento do compositor, Jeremy Yudkin encomendou uma coleção de novos ensaios de alguns dos escritores mais perspicazes sobre as realizações de Beethoven e os reuniu nesse volume notável. Repleto de explicações cuidadosas, este livro nos dá uma visão completamente nova da música amada e conhecida por pessoas ao redor do mundo. Os amantes da música comuns, assim como estudiosos, encontrarão inúmeras novas descobertas sobre Beethoven e sua arte. Os amadores ouvirão suas composições de forma renovada e os estudiosos encontrarão novos resultados de pesquisa e análise e novos caminhos para descobertas. Yudkin inclui tópicos como o meio cultural de Beethoven, sua vida pessoal, seus amigos, seus editores, seus instrumentos, seus métodos de trabalho, suas próprias partituras manuscritas e, é claro, sua música. Muitos trabalhos são cuidadosamente discutidos e explicados de maneiras que revelam aspectos fascinantes e até então desconhecidos de composições que pensávamos conhecer bem. Uma publica-

ção marcante para todos os que admiram algumas das melhores músicas de nossa civilização.

Compositional Choices and Meaning in the Vocal Music of J. S. Bach

Mark A. Peters; Reginald L. Sanders

Lexington Books, 2020, p.354 (Contextual Bach Studies)

Neste livro, Peters e Sanders reúnem dezessete ensaios dos principais estudiosos de Bach. Cada um dos autores aborda de alguma forma questões de significado nas Paixões, Missas, Magnificat e Cantatas, com particular atenção a como este surge da intencionalidade das próprias escolhas composicionais do mestre alemão e como o significado é descoberto e criado por meio da recepção destas obras. Os autores não consideram essas escolhas composicionais em um vácuo, mas discutem as intenções artísticas de Bach dentro da estrutura de tendências culturais mais amplas, sociais, históricas, teológicas, musicais, entre outras. Tais questões de escolha composicional e significado são enquadradas nas quatro abordagens principais abordadas pelos autores: Parte I - Como o estudo da teologia histórica pode informar nossa compreensão das escolhas composicionais de Bach em sua música para a igreja?; Parte II - Como aplicar ferramentas analíticas tradicionais para entender melhor como foram criadas as composições de Bach e como podem ter sido ouvidas por seus contemporâneos?; Parte III - O que podemos compreender de novo ao estudar o auto-empréstimo/paródia de Bach, que modificava o significado anterior de uma composição por meio de alterações no conteúdo textual, características musicais, contexto da obra dentro de uma composição maior e, muitas vezes o ambiente de atuação (do tribunal para a igreja, por exemplo)?; Parte IV - O que esta pesquisa sobre a recepção pode nos ensinar sobre o(s) significado(s) de uma obra no tempo de Bach, durante o tempo de seus sucessores imediatos e em vários pontos desde então (incluindo nosso presente)? Os capítulos neste volume refletem, portanto, a amplitude da pesquisa atual de Bach em sua atenção não apenas ao estudo e análise da fonte, mas tam-



bém aos significados e contextos para a compreensão de suas composições.

Analytical Approaches to 20th-Century Russian Music: Tonality, Modernism, Serialism

Inessa Bazayev, Christopher Segall (editores)

Routledge; 1 ed, 2020, p.278.

Este volume reúne análises de obras de treze compositores russos do século XX, mostrando como suas abordagens para tonalidade, modernismo e serialismo forjam caminhos progressivos independentes de seus homólogos ocidentais. A música russa dessa época é amplamente executada e muitas pesquisas situam esse repertório em seu contexto histórico e social, mas poucos estudos analíticos exploraram os aspectos técnicos dos estilos desses compositores. Com um conjunto de análises representativas por estudiosos especialistas em teoria e análise musical, este livro, pela primeira vez, identifica tendências composicionais em grande escala na música russa desde 1900. Os capítulos progridem por estilo de composição ao longo do século, e cada um aborda uma única obra de um compositor diferente, cobrindo peças de Rachmaninoff, Myaskovsky, Prokofiev, Shostakovich, Mansurian, Roslavets, Mosolov, Lourié, Tcherépnin, Ustvolskaya, Denisov, Gubaidulina e Schnittke. Músicos, estudiosos e estudantes encontrarão aqui um ponto de partida para a pesquisa e análise das obras desses compositores e obterão uma compreensão mais rica de como ouvir e interpretar sua música.

El Sinfonismo en los Siglos XX y XXI

Eneko Vadillo Pérez (autor), Tomás Marco (prefácio)

Vision Libros; 1 ed, p.396.

El compositor galardonado con el premio reina Sofía Eneko Vadillo Pérez, doctor por la Universidad Autónoma de Madrid y master por el Royal College of Music (Londres) y el IRCAM (Paris), sintetiza en este libro el fruto de las investigaciones realizadas durante años en relación a la forma, estructura y procedimientos de ordenación del material en el siglo XX y XXI. Siendo el siglo XX un caleidoscopio de propuestas musicales

este libro explica algunas de las líneas maestras y principios rectores que han operado en los autores más influyentes del pasado siglo, potenciando la explicación de los modelos (formales/tímbricos) y los sistemas armónicos. De manera exhaustiva, se contextualizan los métodos (los modelos) y se comprenden las distintas líneas evolutivas (o herencias) que la música de concierto occidental ha desarrollado en los siglos XX y XXI. Dividido en dos partes, la primera contextualiza y conceptualiza los parámetros que definen una gran parte de la música del siglo XX y XXI y se tratan en orden cronológico estos procedimientos morfológicos y sintácticos (objeto sonoro, los parámetros tímbricos, etc.) desde Webern, Berg a Boulez, Cendo, Posadas, Nono, Verdú, Goldenthal o Saariaho. Casos particulares vinculados a este tipo de procedimientos son mostrados y explicados en la segunda parte donde se presentan análisis exhaustivos, detallistas e inéditos de obras sinfónicas de Debussy, Varese, Messiaen, De pablo, Lindberg y Vadillo. Con más de 250 ejemplos e ilustraciones, así como valiosos e inéditos análisis, ha sido definido por Tomás Marco como valioso y necesario, y está dirigido a compositores, docentes, musicólogos, y directores/as de orquesta que necesiten profundizar en la comprensión de los lenguajes del siglo XX y XXI.

ARTIGOS

O wagnerismo de Alberto Nepomuceno e sua evolução na canção de câmara

João Vicente Vidal

MUSICA THEORICA, v.5., n.1, 2020. Disponível em: <http://revistamusicatheorica.tema.mus.br/index.php/musica-theorica/article/view/135>

Na historiografia musical brasileira, grande destaque foi dado ao papel de Alberto Nepomuceno no processo de formação de uma canção de câmara “brasileira”, cantada em português e de caráter nacionalista. Pouca atenção se deu, porém, ao papel do wagnerismo do compositor neste mesmo processo. Articulando uma contextualização histórica do fenômeno à apreciação analítica de uma amostra da produção do compo-



sitor, o estudo procura evidenciar sua compreensão e emprego de “categorias” wagnerianas de composição musical entre os anos de 1894 e 1901. Em perspectiva histórica e comparativa, culminando com um exame mais detido da canção vernacular Turqueza op. 26 n. 1, torna-se possível delinear aspectos gerais e específicos do wagnerismo de Nepomucceno, englobando três diferentes “soluções” do compositor para o problema do Lied wagnerista de sua época.

O Pensamento Musical e Ideológico de Claudio Santoro na sua Fase Nacionalista: o Caso da VI Sinfonia

Sérgio Nogueira Mendes; Flávio Santos Pereira

ORFEU, v.5, n.1, set., 2020. Disponível em:

<https://www.revistas.udesc.br/index.php/orfeu/article/view/17631>

A primeira fase serial, de transição e, especialmente, o período nacionalista (1949-1960) de Claudio Santoro caracterizam-se por um crescente comprometimento ideológico. Na fase nacionalista esse comprometimento se aprofunda com a adesão às normativas do II Congresso Internacional de Compositores e Críticos Musicais, acontecido na cidade de Praga, em 1948, com o fim de definir a orientação estética em música do realismo socialista. Esta adesão tem consequências profundas no desenvolvimento estilístico de Santoro, levando-o a abandonar as técnicas atonais e seriais em favor da estética nacionalista. Neste artigo contextualizaremos essa transformação estilística da perspectiva da sua produção sinfônica, defendendo a tese de que é na Sexta Sinfonia onde se consolidam os princípios ideológicos e, também, os princípios técnicos composicionais adotados em razão da defesa e prática da estética nacionalista. Abordaremos o desenvolvimento do pensamento ideológico de Santoro. Apontaremos as influências que lhe foram determinantes, como o sinfonismo russo, destacando na análise musical a influência da Primeira Escola de Viena no processo composicional da Sexta Sinfonia.

Learning Music Composers’ Styles: To Block or to Interleave?

Sarah S. H. Wong, Amanda C. M. Low, Sean H. K. Kang, Stephen W. H. Lim

Journal of Research in Music Education, v. 68, issue 2, pp. 156-174, April, 2020. DOI: 10.1177/0022429420908312.

Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0022429420908312>.

A capacidade de reconhecer e distinguir entre vários estilos musicais é essencial para o desenvolvimento de habilidades auditivas e musicalidade. No entanto, essa tarefa pode ser difícil para os alunos de música, principalmente os não especialistas. Para enfrentar este desafio e orientar a prática da educação musical, este estudo baseou-se em princípios psicológicos cognitivos para investigar o efeito da apresentação intercalada de peças musicais por vários compositores de música clássica na aprendizagem de como identificar os estilos desses compositores. Os participantes com 4 ou menos anos de experiência musical foram apresentados a peças musicais de seis compositores de uma forma intercalada (alternando a audição de diferentes compositores) e peças musicais de outros seis compositores de forma bloqueada (ouvir somente um compositor antes de passar para outro). Um teste posterior em que os participantes tiveram que classificar novas peças dos mesmos 12 compositores revelou a superioridade da apresentação intercalada sobre a bloqueada, embora a maioria dos participantes tenha julgado mal o bloqueio como sendo mais eficaz do que a intercalação. Este achado fornece evidências da utilidade da intercalação no ensino de estilos de compositores musicais e estende a literatura sobre o efeito de intercalação na indução de categoria para o domínio auditivo. Implicações práticas e direções futuras para o uso de intercalação na educação musical são discutidas.

Idiomatic Patterns and Aesthetic Influence in Computer Music Languages

Andrew McPherson; Koray Tahiroğlu

Cambridge University Press Online – Computation in the Sonic Arts – v.25, issue 1, April 2020, pp. 53-63. DOI: 10.1017/S1355771819000463. Disponível em: <https://is.gd/gjQjfH>.



É amplamente aceito que os instrumentos musicais acústicos e digitais moldam os processos cognitivos do intérprete em níveis corporais e conceituais, influenciando, em última instância, a estrutura e a estética da execução resultante. Neste artigo, examinamos as maneiras pelas quais as linguagens musicais de computador podem influenciar de forma semelhante as decisões estéticas do praticante de música digital, mesmo quando essas linguagens são projetadas para a generalidade e teoricamente capazes de implementar qualquer processo de produção de som. Examinamos a base para questionar a não neutralidade de ferramentas com um foco particular no conceito de idiomaticidade: padrões de instrumentos ou linguagens que são particularmente fáceis ou naturais de executar em comparação com outros. Em seguida, apresentamos correspondência com os desenvolvedores de várias das principais linguagens de programação musical e uma pesquisa com criadores de instrumentos musicais digitais examinando a relação entre os padrões idiomáticos da linguagem e as características dos instrumentos e peças resultantes. Em um domínio criativo aberto, afirmar relações causais é difícil e potencialmente inadequado, mas encontramos uma interação complexa entre linguagem, instrumento, peça e performance que sugere que o criador da linguagem de programação musical deve ser considerado uma parte de uma conversa criativa que ocorre cada vez que um novo instrumento é projetado.

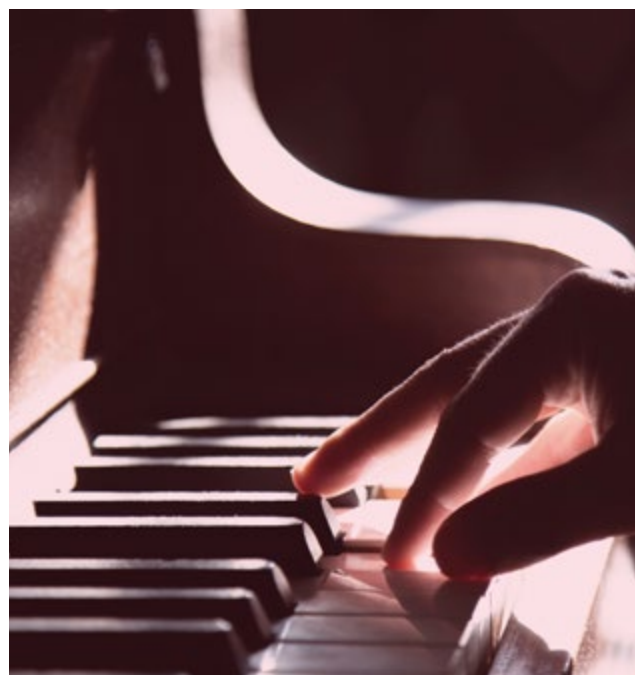
Unplayed Galant Melodies, the Ubiquity of the Rarest Interval, and the Heyday of the Major Mode

Gilad Rabinovitch

Empirical Musicology Review, v.14, n.3-4, 2019. DOI: 10.18061/emr.v14i3-4.6070. Disponível em: <https://emusicology.org/article/view/6070/5590>.

Este artigo examina de forma preliminar as conexões potenciais entre o uso dos esquemas galantes arquetípicos de Gjerdingen (1988, 2007), o apogeu do modo principal durante o período 1750-1799 (Albrecht & Huron, 2014; Horn

& Huron, 2015), e os raros intervalos do conjunto diatônico (Browne, 1981). Discuto as relações entre a raridade do trítono e do semitom no modelo diatônico e no uso musical (Huron 2006, 2008; David Temperley, comunicação pessoal, 2017). Minha hipótese é que o uso de esquemas enfatiza intervalos raros (trítono e semitom) respectivamente aos seus equivalentes comuns. Embora esta seja predominantemente uma investigação especulativa, uma análise piloto preliminar de um pequeno corpus com anotações de especialistas em Gjerdingen (2007) fornece suporte provisório para a hipótese de que o uso de schemata superenfaziza trítonos verticais, mas não semitons melódicos. A prevalência de trítonos estruturais nos esquemas abstraídos por Gjerdingen sugere que o processo de abstração está associado à descoberta de pistas inequívocas para um contexto tonal local. Embora o presente artigo se baseie nas anotações analíticas de Gjerdingen sobre um pequeno corpus e extração de um esquema contrapontístico, concluo oferecendo hipóteses para testes futuros com relação ao aumento da prevalência e saliência dos trítonos na superfície musical no período de 1750-1799, um subconjunto de tonalidade de prática comum.



Informativo da Associação Brasileira de Teoria e Análise Musical - TeMA

Av. Tancredo Neves, 1632, sala 505

Salvador-BA, Brasil - CEP.: 41820-020



Editores

Miriam Carpinetti (editora-chefe)

Ernesto Hartmann

Silas Palermo

Designer e diagramador

Bruno Luiz de Carvalho